Prefácio de uma jornada: a questão do vir a ser

Luana Garcia Rodriguez¹, Aracaju

RESUMO: O presente escrito busca ressaltar a importância do aspecto emocional no processo do desenvolvimento mental, dando ênfase à singularidade constituinte do próprio sujeito e às relações intersubjetivas. A proposta surge do anseio de unir a própria experiência formativa da autora com referenciais teóricos de relevância para o pensamento psicanalítico.

PALAVRAS-CHAVE: ausência, desenvolvimento, experiência emocional, sujeito, psicanálise.

“Se for agora não será depois. Se for depois não será agora. Se não for agora, em algum momento há de ser. Estar preparado é tudo.”

(Shakespeare, William, 1564-1616)

O sentimento de que precisava parar essa escrita de alguma forma, me atordoou por algum tempo. Ainda sentada na cadeira, de frente para o computador, busquei em meio às publicações de Freud, profissionais pelos quais sinto extrema admiração e em vozes que fazem meus olhos brilhar, algum apoio para minha angústia que se apresentava em meio a esse desafio da escrita. Esse foi o pontapé para iniciar essa jornada, que me fez debruçar (e vivenciar) sobre as dificuldades do aprendizado a partir da própria experiência, e sobre a questão do estar preparada “para o não saber”.

1. Psicóloga, psicoterapeuta, aluna do Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica do NPA.

O que dizer diante de uma ciência que há anos se constrói e se reconstrói, pulsando o que há de mais vivo em nosso escopo de atuação: as próprias evidências clínicas? Para mim, um tanto assustador e de uma responsabilidade ousada para algo que posteriormente titulei como um prefácio. Mas penso que talvez sejam essas algumas das características que há décadas impulsionam nossa ciência para frente: responsabilidade e ousadia².

Nesse início de caminhada, percebo a contemporaneidade da Psicanálise como ciência que se atualiza e reatualiza a cada instante, assim como nós mesmos, que nos mantemos diante da necessidade de constante mudança. A mudança que exige a passagem de um estado para outro parece ser a parte mais difícil da trajetória, mas sinto que nem de longe o esforço acaba por aí. Refiro-me aqui à constância, à dedicação, à tal da coragem e ao amor necessário para continuar a caminhada. Em algum ponto os emaranhados da vida demonstram que o imprevisível está à beira da esquina, sempre a nos alcançar, e com ele atravessamos também as oportunidades de crescimento.

Em meio à formação psicanalítica, que muito se afere à nossa formação como pessoa, tenho me deparado com os entraves das experiências afetivas sempre no palco principal. O espírito investigativo, transmitido nos espaços de formação, nos convida ao encontro com nossos próprios fantasmas que, em meio as teceduras do divã, se apresentam incansavelmente como nossos companheiros de viagem.

Já nos alertou Freud, quando escreveu que “o eu não é senhor da sua própria morada” (Freud, 1917), retomando o tema de forma emblemática, quando atrela as sensações de estranheza e inquietação ao que nos habita, como algo alheio ou excêntrico, se comportando como hóspede de uma casa interna, deixando registros de sua existência nessa morada compartilhada; seja nos sonhos, nos sintomas, nos devaneios, nos encontros analíticos ou na própria arte, que com maestria também nos faz sentir o que de mais belo e estranho existe dentro de nós (Freud, 1919).

2. Ou·sa·di·a: qualidade ou característica do que é ousado; arrojo, coragem.

Em uma determinada sessão, que acontecia na modalidade *online*, percebi algo nesse sentido:

VINHETA A

Paciente: Tá me escutando?

Terapeuta: Estou te escutando sim, e você, está se escutando?

Paciente para um segundo e ri.

P: Eu estou te escutando, mas acho que não estou me escutando (riso nervoso).

O que tentam escutar paciente e terapeuta no momento da sessão? Penso que de alguma forma as duas pessoas buscam a escuta do que vem das entranhas e reverberando pelo corpo, tem a possibilidade de encontrar um aparato mental para acolher, transformar e dar um significado à experiência afetiva do momento.

Acredito que, de alguma forma, tento me referir aqui à função analítica que propicia uma abertura ou “guinada” em direção ao pensamento. A caminhada se daria então no que Ferrari (2004) descreveu como “o ir em direção de si mesmo do analisando” e o “voltar em direção de si mesmo do analista” (pg. 131).

O hiato gerado pela pergunta: “*e você, está se escutando?*” possibilita a investigação do que não se sabe. Será diante da incerteza e da não resposta que se abrirá um espaço fértil para à investigação. A condição humana, nesse caso, sustentada pela relação transferencial, vai assim encontrando caminhos para desatar os nós, possibilitando um mergulho nas turbulências internas a partir do encontro, consigo mesmo e com o outro.

Em *Recomendações aos médicos para o tratamento psicanalítico*, Freud aponta para a necessidade de conhecermos “o oculto de nós mesmos, adquirindo impressões e convicções do próprio corpo” que em vão podemos buscar no estudo teórico (Freud, 1912).

Será no campo da própria experiência emocional onde encontraremos ferramentas para uma jornada que terá como protagonista o sistema

mente-corpo. Dada a complexidade do termo que acabo de utilizar, não vou me ater ao desenvolvimento das considerações sobre isso, deixando como registro apenas a necessidade de um deleite maior com relação ao tema. Contudo, destacarei a relação mente-corpo como dois aspectos que se conectam e interatuam de forma mútua. Sendo assim, “estamos constantemente às voltas com o equilíbrio funcional e dinâmico da relação entre fisicidade e psiquicidade” (Ferrari, 2004, pg. 87).

Esbarramos aqui com a singularidade que nos captura como sujeitos únicos, tornando a profundidade das experiências, também únicas e específicas, algo que se inclina para o que há de mais íntimo em nós mesmos, representando os contornos que sustentam a dimensão existencial. A importância de viver experiências significativas, reconhecendo-as como repertório da nossa própria constituição, acaba se configurando então, como constructo nas relações intersubjetivas que estabelecemos no decorrer da vida e que, ao mesmo tempo, nos constituem/reconstituem como sujeitos.

Na experiência do encontro se dará a possibilidade de emergir algo novo, que terá como ingrediente o que é proveniente das profundezas de cada um, o que é constituinte de cada sujeito, em uma transformação quase alegórica do material presente. Na medida do que for possível os participantes poderão experimentar “não simplesmente a descoberta do oculto; mas principalmente a criação de um sujeito que não existia antes” (Ogden, 1994).

VINHETA B

P: Eu acho o mundo muito injusto. Uns com tantos e outros com tão pouco. E eu preciso lidar com essa desigualdade todos os dias lá no trabalho. As crianças lá ameaçam de morte, vão com faca...

T: Percebo que são cenas de muita violência, medo, morte...

P: É isso mesmo. São cenas assim, e com pessoas reais. Às vezes eu tenho vontade de mudar o mundo, sabia? Mas eu sei que não é possível. Acho que se você mudar e eu mudar aqui, já seria muito bom.

Em uma consideração dialógica sobre a nossa constituição psíquica, é possível ressaltar a importância da comunicação gerada entre duas mentes e os respectivos caminhos a serem alcançados em um processo de transformação; “O sujeito é concebido como emergindo de uma dialética (um diálogo) do *self* e do Outro” (Ogden, 1994, pg. 42).

Acredito que esses processos acontecem quando existe a oportunidade de troca, que se expande em direção ao infinito, como já pronunciado por Bion. A experiência emocional que ocorre a partir do encontro com nós mesmos e com o outro, enseja a abertura de um vir a ser em constante mudança. Retomando as palavras de Bion (1979), um estado emocional se produz diante do encontro de duas personalidades, e essa tempestade emocional abre caminho para novas oportunidades.

VINHETA C

P: Sim, também, eu tenho muito medo de viver. Na verdade, eu me sinto um covarde. Sem coragem pra enfrentar as coisas. Você já assistiu o Mágico de Oz?

Que tem três personagens e cada um perdeu uma parte de si. Um que perdeu o coração, o outro perdeu o cérebro e o outro perdeu X. É assim que eu me sinto, esses três personagens de uma vez só, sem coração, sem cérebro e sem X. Às vezes eu não consigo nem pensar mais as coisas, Luana. É só angústia. Eu fico aqui só fumando, no meu cachimbo (pega e me mostra o cachimbo.) Mas isso não faz bem pra saúde, né? o tabaco, não faz bem. Às vezes eu penso que são os remédios, eles me deixam lerdo. Eu era mais inteligente antes, agora eu me sinto burro.

No trecho da vinheta C, percebo como o paciente comunica sobre sua desvitalização mental gerada pelos ataques ao sentir e pelas tentativas de se “desfazer de partes suas”. Será da natureza vincular que a comunicação poderá ir acontecendo, e o que de forma estática servia apenas para ser dispensado, poderá então ir encontrando novas formas de restituir a

capacidade de sonhar.

Quando diante da dor impossível de ser suportada, buscamos não somente formas para se desfazer de partes nossas, mas também maneiras de acabar com o encontro diante da realidade, nos deparamos com um caminho contrário diante do que seria a possibilidade de aprender com a experiência.

“Se a intolerância à frustração não for intensa a ponto de acionar os mecanismos de fuga, mas tiver uma intensidade que impeça que se suporte o predomínio do princípio da realidade, a personalidade desenvolve a onipotência como substituto da união da pré-concepção com a realização negativa” (Bion, 1962, pg. 131)

Determinadas experiências podem ser vividas como uma catástrofe ou sentidas como dolorosas demais, a tal ponto que poderá ser buscado como recurso a evasão ou a modificação da dor. Por tanto, será necessário, a partir das demandas feitas ao aparelho mental, que a tolerância à frustração seja suficiente, para que a experiência emocional possa ser representada (Bion, 1962).

Isso significa que as dificuldades que encontramos no caminho e as quedas que fazem parte da jornada, por vezes, se apresentam de forma ainda muito rudimentar e com peso inapropriado (para a capacidade do que é possível no momento), mas quando se tornam possíveis de serem suportadas, abrem espaço para novos aprendizados e movimentos de transformação.

Por isso, gostaria de destacar aqui a importância da dor nos processos que subjazem à vida. O sofrimento ganha um caráter de pertencimento diante das possibilidades de crescimento. De outra forma, podemos dizer que um sujeito que não sofre, que não sente frustração ou que não se permite sentir a falta, também não pode pensar. Será diante de uma frustração suportável, mas ainda assim, “grave”, no sentido de gerar mobilização

emocionalmente, que se abrirá um espaço para o exercício do pensamento.

A relevância disso nos conduz mais uma vez ao entendimento do que foi colocado por Bion, ao expressar que somente na experiência da ausência e conseqüentemente da frustração, é que o sujeito poderá criar novas possibilidades de ser. Assim, a capacidade de suportar a “não-coisa” também encaminhará o sujeito para o desenvolvimento do espaço mental com os respectivos desenlaces rumo à simbolização.

Nesse sentido, a relação entre afeto e pensamento se estreita a tal ponto que não podemos deixar de reconhecer o entrelaçamento dessa união. Mas então, o que está passível a ser pensado? E o que isso tem a ver com o desenvolvimento?

Ao falar de desenvolvimento, parto do pressuposto da capacidade de adquirir o maior número de recursos possíveis para lidar com a nossa condição humana. Seja do mais primitivo (inicial) recurso ao mais elaborado, assim como a flexibilidade de utilização de cada um em momentos e situações diferentes ao longo da vida.

O vibrato emocional que ativa a turbulência, o movimento, e acredito que principalmente, um certo grau de desconforto, serve de força motriz para o processo do pensar, mas caberia também perceber a dificuldade e a importância de uma harmonização entre esses aspectos. Até que ponto a habilidade de sentir se articula com a habilidade de pensar proporcionando um espaço potencial de criação? A saturação ou sensação de esmagamento, proveniente de um grau excessivo do aspecto emocional, pode subtrair a capacidade de pensar, assim como o pensamento excessivo poderia distanciar a habilidade de sentir?

A forma como apreendemos as experiências, me remete também à necessidade de destacar a singularidade das mesmas enquanto registros, que obedecerão à complexidade do indivíduo como ser único, portador de uma história filogenética e ontogenética. Por isso, ainda que nos expliquemos sobre a forma e a textura das coisas do mundo, nos alertem sobre a altura de uma queda, nos contem sobre o flamejar dos mistérios; será apenas diante do que é vivido e sentido pela própria experiência emocional (trocas

afetivas) que poderá se constituir um trajeto em direção ao desenvolvimento.

Já para finalizar gostaria de comentar o trecho da obra de Shakespeare que utilizei na introdução deste escrito: “Se for agora, não será depois. Se for depois, não será agora, se não for agora, em algum momento há de ser. Estar preparado é tudo”.

Não há como saber o que exatamente quis dizer Shakespeare com essas palavras, e tampouco qual a tentativa do papel de Hamlet na obra. Mas ao escutá-las por primeira vez, em meio a uma apresentação teatral, tive o prazer de me encontrar com um arranjo que me fez sentido. Percebi que o “estar preparado” pode se referir ao estar disponível ou disposto para o que não se conhece, como um estado que permite suportar essa vivência.

A percepção de catástrofe que pode ser evocada diante do “não saber”, nos aponta então para esse requisito interno de disponibilidade para tais experiências que, mais cedo ou mais tarde, buscarão uma forma de se apresentar na trajetória que chamamos vida.

Por tudo isso, e considerando a mente como fenômeno vivo e de produção constante, fica implícito, não só a complexidade do que o próprio Bion chamou de “aprender com a experiência”, mas também a grandeza das possibilidades que nos encaminham, não para o que éramos em um determinado momento, mas para a busca do novo, onde nunca fomos, em um eterno vir a ser.

PROLOGUE OF A JOURNEY: A MATTER OF BECOMING

ABSTRACT: This current paper seeks to enlighten the importance of the emotional aspect through the mental development process, focusing on the constituent singularity of the self subject and the intersubjective relationships. The proposition rises from the wish of linking the author's own formative experience to relevant theoretic references for the psychoanalytic thinking.

KEYWORDS: absence, development, emotional experience, subject, Psychoanalysis.

PREFACIO DE UNA TRAYECTORIA: LA CUESTIÓN DEL DEVENIR

RESUMEN: El presente escrito busca dar relevancia al aspecto emocional para el desarrollo mental, añadiendo énfasis a la singularidad de la constitución del propio sujeto y de las relaciones intersubjetivas. Lo propuesto surge de la necesidad de unir la propia

experiencia formativa de la autora con referenciales teóricos relevantes para el pensamiento psicoanalítico.

PALABRAS CLAVE: ausencia; desarrollo; experiencia emocional; sujeto; Psicoanálisis.

REFERÊNCIAS:

- Bion, W. (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Ferrari, A. (2004). *Vida e tempo: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1856-1939) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1919). O Estranho. In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Shakespeare, W. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

luagrodriguez@gmail.com